



SINOPSE:

“A vida se transforma rapidamente. Você se senta para jantar e a vida que conhecia acaba de repente.” Estas são as primeiras frases do livro escrito pela jornalista e roteirista americana Joan Didion, adaptado para o teatro pela própria autora. O texto - que trata da morte de forma natural e inevitável - é confessional, baseado na vida e nas experiências de perdas familiares da escritora. Não há espaço para a autopiedade, depressão ou elementos dramáticos de autoajuda, pelo contrário. A autora coloca a morte num patamar existencialista: morrer faz parte das transformações da natureza. Vítima de um problema coronário súbito, o marido de Joan morre e ela enfrenta, pela primeira vez, o processo de percepção da morte em plena sala de sua casa. O texto conta como transcorrem os 12 meses seguidos à morte do marido (enquanto a filha estava internada), a rotina burocrática depois de um falecimento, a tentativa de entender o que aconteceu, o lento retorno ao cotidiano e toda a desestrutura emocional que envolve a percepção da morte. Nesse meio tempo, a filha de Joan, Quintana – que estava na UTI com pancreatite - também morre, deixando pela segunda vez Joan frente à morte. A primeira montagem teatral de O Ano do Pensamento Mágico estreou em Nova York com a atriz Vanessa Redgrave e direção de David Hare, em 2007.

ELENCO:

- Imara Reis

FICHA TÉCNICA:

- Texto: Joan Didion
- Direção: Caio de Andrade
- Tradução: Erica e Úrsula de Almeida Rego Migon
- Cenário e Figurino: Célia Alves
- Iluminação: Hiram Ravache
- Design Gráfico: Emanuel Della Nina e Débora Setton
- Fotografia: Jefferson Martins
- Direção de Produção: Luque Daltrozo
- Realização: Daltrozo Produções Artísticas

TEATROS:

- Teatro Bibi Ferreira (São Paulo)
- Teatro Sérgio Cardoso (São Paulo)

Teatro



LIVRO NO PALCO DRAMA DE AUTOAJUDA

O ANO DO PENSAMENTO MÁGICO/DIVULGAÇÃO



O best-seller da americana Joan Didion, **O Ano do Pensamento Mágico**, chega ao teatro. Dirigida por Caio de Andrade, a peça é encenada por Imara Reis.

Teatro Bibi Ferreira (400 lug.). Av. Brig. Luís Antônio, 931, Bela Vista, 3105-3129. 6ª e sáb., 21h30; dom., 19h. Estreia amanhã (10). 60 min. 14 anos. R\$ 40. Até 1/11.



Imara Reis estreia o monólogo "O Ano do Pensamento Mágico", no teatro Bibi Ferreira » NESTA PÁGINA

12 de Outubro
Os locais que alteram seu funcionamento no feriado estão sublinhados no roteiro

Estreias

O ANO DO PENSAMENTO MÁGICO
Texto: Joan Didion. **Direção:** Caio de Andrade. **Com:** Imara Reis. 60 min. Não recomendado para menores de 14 anos.
O texto escrito por uma roteirista americana fala da morte do marido e da filha de uma maneira prática e com naturalidade.
Bibi Ferreira - av. Brig. Luís Antônio, 931, Bela Vista, região central, tel. 3105-3129. 300 lugares. Sáb.: 21h30. Dom.: 19h. Até 17/11. Ingr.: R\$ 40 (sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.). Estac. (R\$ 7, no nº 759 - convênio). Ingr. p/ tel. 4003-1212 ou p/ site www.ingressorapi.com.br

AS BORBOLETAS DA ALMA
Texto: Júlio Caézar Ribeiro. **Direção:** Messias Carvalho e Júlio Caézar Ribeiro. **Com:** Hélio Souto Júnior, Rafael Aragão, Mirela Pizani e outros. 90 min. Não recomendado para menores de 12 anos.
A peça, inspirada em textos de Lya Luft, é dividida em sete cenas que refletem sobre loucura, morte e maturidade.
Teatro Coletivo - sala 2 - r. da Consolação, 1.623, Consolação, região central, tel. 3255-5922. 80 lugares. Sex.: 22h30. Até 18/12. Ingr.: R\$ 30. DESC. 30% PARA ASSINANTE E UM ACOMPANHANTE COM CUPOM CLU-BEFOLHA. Estac. (R\$ 8, na r. da Consolação, 1.681 - convênio).

O CORTIÇO
Texto: Gérrí Rodrian. **Direção:** David Rock. **Com:** Angelo Rigon, Camila Cusinato, Danilo Kirmew e outros. 90 min. Não recomendado para menores de 14 anos.
Adaptação do livro de Aluísio de Azevedo, o drama mostra o dia a dia em um cortiço carioca do século 19. Durante a peça, são projetados depoimentos em vídeo sobre os personagens.
Teatro Coletivo - sala 1 - r. da Consolação, 1.623, Consolação, região central, tel. 3255-5922. 134 lugares. Qui.: 21h. Até 3/12. Ingr.: R\$ 30. DESC. 30% PARA ASSINANTE E UM ACOMPANHANTE COM CUPOM CLU-BEFOLHA. Estac. (R\$ 8, na r. da Consolação, 1.681 - convênio).

DE MENTIRA
Texto: Ricardo Gamba. **Direção:** Rosi Campos e Sergio Milagre. **Com:** Aldi Lima, Albeiro Farias, Cíntia Cordeiro, Helena Bento e Ricardo Gamba. 60 min. Não recomendado para menores de 14 anos.
A peça retrata situações cotidianas onde a mentira é fundamental para a sobrevivência. Os personagens, com uma vida aparentemente comum, revelam aos poucos seus perfis de mentirosos.
Casarão Belvedere - r. Pedroso, 267, Bela Vista, região central, tel. 3266-5272. 30 lugares. Sex.: 21h30. Até 11/12. Ingr.: R\$ 30. Estac. (R\$ 5, na r. Martiniano de Carvalho, 439 - convênio). Ingr. p/ site www.ingresso.com

UM DIA A MENOS
Texto: Clarice Lispector. **Adaptação:** Marcio Mehiel, Maria Stella Tobar e Tatiana Zalla. **Direção:** Marcio Mehiel. **Com:** Maria Stella Tobar e Tatiana Zalla. 75 min. Não recomendado para menores de 14 anos.
O espetáculo trata de duas mulheres idênticas que não se co-

nhecem. Mergulhadas em um cotidiano sem surpresas, as personagens se isolam do mundo. Elas descobrem as respostas para suas inquietações quando se encontram.
Sesc Santana - teatro - av. Luiz Dumont Villares, 579, Santana, região norte, tel. 2971-8700. 349 lugares. Qui. a sáb.: 21h. Dom.: 19h30. Estréia 15/10. Até 18/10. Ingr.: R\$ 3 a R\$ 12. Estac. (R\$ 7 p/ 3 h mais R\$ 1 p/ h adicional).

ESTILHAÇO
Texto: Samuel Beckett. **Direção:** Cia. do Estilhaço. **Com:** Carlos Escher e Igor Lopes. 55 min. Não recomendado para menores de 12 anos.
Livremente inspirado na peça "Berceuse", de Beckett, espetáculo marca a estreia da Cia. do Estilhaço. Na história, uma pessoa está presa em suas memórias e tradições e reflete como seria sua vida se tudo fosse diferente.
Teatro Commune - r. da Consolação, 1.218, Consolação, região central, tel. 3807-0792. 80 lugares. Ter.: 21h. Até 3/11. Ingr.: R\$ 20. Estac. (R\$ 10 - convênio). Ingr. p/ tel. 4003-1212 ou p/ site www.ingressorapi.com.br

MARIPOSAS NÃO SOBREVIVEM EM LÂMPADAS HALÓGENAS
Texto e direção: Marcos Gomes e Paula Chagas Autran. **Com:** Silvia Faro e Marcos Gomes. 50 min. Não recomendado para menores de 12 anos.
A história começa com uma estranha ligação a uma central de atendimento. A partir disso, um homem e uma mulher descobrem crimes que cometeram.
N.Ex.T. - Núcleo Experimental de Teatro - r. Rego Freitas, 454, República, região central, tel. 3259-9636. 70 lugares. Qua. e qui.: 21h. Até 25/11. Ingr.: R\$ 20. Estac. c/ manob. (R\$ 5 - convênio).

avaliação ★ péssimo ★ ruim ★ regular ★ bom ★★★★★ ótimo



IMARA REIS
EM

**O ANO DO
Pensamento Mágico**

UMA PEÇA DE JOAN DIDION BASEADA EM SUAS MEMÓRIAS

DIREÇÃO CAIO DE ANDRADE

CURTISSIMA TEMPORADA Sexta e sábado as 21:30h e domingo as 19h
TEATRO BIBI FERREIRA AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 931 BELA VISTA TEL (11) 3105-3129 www.teatrobibiferreira.com.br

TRADUÇÃO ERICA DE ALMEIDA REGO MICON e LÍRSULA DE ALMEIDA REGO MICON DRAMATURGIA CAIO DE ANDRADE
CENÁRIO E FIGURINO CÉLIA ALVES SUPRANÇÃO HIRSH RAVACHE FOTOGRAFIA JEFFERSON MARTINS PROGRAMAÇÃO VISUAL EMANUELL DELLA NINA
ASSESSORIA DE IMPRENSA FERNANDA TEIXEIRA/ARTEFLURAL DIREÇÃO DE PRODUÇÃO LUQUE DALTROZO

PROJETO APOIADO PELA SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

APOIO INSTITUCIONAL DA
PREFEITURA DO MUNICÍPIO
DE SÃO PAULO - LUIZ INACIO

ProArts

GOVERNO DE
SÃO PAULO

SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

MÁSCARA JOAN DIDION

A personagem do monólogo "O Ano do Pensamento Mágico" incorpora na atriz **Imara Reis** e afirma: "Acreditei que, mesmo morto, meu marido voltaria". A peça se baseia num caso verídico POR ARMANDO ANTENORE FOTO JOÃO WAINER



A atriz Imara Reis e a máscara de Joan Didion. "A vida não tem nenhum compromisso com a verossimilhança"

Talvez não pareça, mas a história que Joan Didion protagonizou é real. Escritora de sucesso, perdeu o marido, John, em dezembro de 2003. Ele tinha 71 anos e sofreu um infarto poucas horas depois de visitar Quintana, filha única do casal. A jovem se encontrava em coma num hospital de Nova York. Pegara uma pneumonia, que desencadeou um choque séptico e outros distúrbios. Em 2005, devido às complicações, a moça também morreu.

BRAVO!: Por que duas tragédias recaíram sobre você num período tão curto? Já se perguntou?

Joan Didion: Claro que me perguntei, mas não como quem se julga alvo de uma maldição. Desde o início do vendaval, tentei fugir de ilações que me vitimassem ainda mais. Evitei disciplinadamente questões do tipo: "Por que comigo?". Sempre considerei que, naquelas circunstâncias, a indagação deveria ser oposta: "Por que não comigo?". Se estamos vivos, qualquer coisa pode nos acontecer. Participamos de um jogo intrincado em que o acaso pesa muitíssimo. Acreditar que um deus onipotente se voltou contra mim significaria me atribuir uma importância exagerada. Entre bilhões de humanos, os céus escolheriam justamente a pobre da Joan para castigar? Há uma inegável megalomania em pensamentos assim. O que me pergunto, na verdade, é se a primeira tragédia motivou a segunda. Ou melhor: se existe relação entre a via-crúcis de Quintana e a morte de John. Por herança genética, meu marido possuía um coração frágil – tanto que enfrentou uma cirurgia cardíaca em 1987 e outra em 2003. Será que o calvário de Quintana não o colocou num nível de estresse perigoso? Será que não exigiu demais do coração dele? Lembro que, após visitá-la pela última vez, John comentou no táxi: "Temo não aguentar tudo isso". Eu, absorta e exausta, limitei-me a responder: "Não lhe resta escolha". Não restava de fato? Caso rejeitasse a minha indiferença e teimasse em desabafar, John conseguiria aliviar a tensão e impedir o ataque fatal? Difícil responder.

Sente culpa?

Não, não sinto. Faço tais conjecturas somente pelo desejo inescapável de achar um mínimo de nexos para episódios que ainda me soam estapafúrdios. O problema é que a vida não tem compromisso com a verossimilhança. Apenas os escritores têm.

O povo gosta de apregoar que "um raio não cai duas vezes no mesmo lugar". Em nenhum momento, você imaginou que estaria livre de outros infortúnios enquanto Quintana permanecesse hospitalizada?

Creio que não. Mas cogitava algo similar. Sempre que chegava em casa à noite, independentemente da temperatura, acendia a lareira. Era um ritual que me dava a ideia de segurança, como se o fogo espantasse os predadores, os inimigos. Dizia para os meus botões que nada de mau ocorreria dentro daquele apartamento

depois que as chamas ganhassem corpo. No entanto, John morreu bem próximo à lareira acesa...

Uma morte que, por muito tempo, não lhe pareceu concreta.

Exato, e provavelmente em razão de John ter sofrido o ataque derradeiro num espaço tão acolhedor. As peças não se encaixavam, compreende? Se nosso apartamento dispunha de uma "zona protegida", o homem com quem me relacionei ao longo de quatro décadas não iria morrer ali. É lógico que o levantei do chão na hora do infarto, é lógico que o vi inconsciente, é lógico que chamei a ambulância e que escutei dos médicos a palavra "óbito", é lógico que cuidei do funeral. Quem me observasse afirmaria se tratar de uma viúva zelosa e resignada. Entretanto, secretamente, a mulher exemplar nutria a estranha convicção de que presenciava um julgamento. O réu acabara de ouvir a sentença de morte. O magistrado e os integrantes do júri davam o processo por concluído. Mas o advogado de defesa ainda poderia recorrer. Ele descobriria falhas nas provas e anularia o veredicto.

Você não percebia o nonsense do raciocínio?

Sou, em geral, uma pessoa bastante cartesiana e nunca alimentei crenças religiosas profundas. Mesmo assim, naqueles meses, confiei fervorosamente que John ressurgiria. Não comentava nada com a família ou os amigos. Continuava trajando em público a armadura da lucidez. Meus delírios, porém, garantiam que, se me comportasse de determinados jeitos, apressaria o retorno de John. Enxergava-me como uma espécie de feiticeira, capaz de alterar a ordem natural das coisas. Um exemplo: procurava não receber visitas em nosso apartamento por acreditar que John queria me reencontrar a sós. Outro: quando doeje os pertences dele, tomei o cuidado de manter os sapatos. "John precisará de um bom par logo que reaparecer", sussurrava. Passei quase um ano mergulhada em fantasias dessa natureza.

Como os devaneios cessaram?

De repente, e antes de Quintana morrer. Eu viajava num jatinho. Às tantas, o avião pousou para reabastecer perto de um milharal. Resolvi desembarcar. Caminhando pela pista e olhando a imensa plantação, notei que algo mudara em mim. "É tudo inútil, Joan. Ele não voltará..." Deixei, então, o absurdo dos meus pensamentos e fiquei apenas com o absurdo da realidade.

ONDE ENCONTRAR JOAN

Na peça *O Ano do Pensamento Mágico*, inspirada em livro da escritora americana Joan Didion. Direção: Caio de Andrade. Com Imara Reis. Teatro Sérgio Cardoso (rua Rui Barbosa, 153, Bela Vista, São Paulo, SP, tel. 0++/11/3288-0136). De 13/11 a 20/12.



O ANO DO PENSAMENTO MÁGICO

De Joan Didion. Direção e dramaturgia de Caio de Andrade. Com Imara Reis (foto).

O espetáculo: Relato da dor vivida pela jornalista e escritora Joan Didion durante os 12 meses que se seguem à morte do marido, período no qual a filha de Joan também morre (leia entrevista com Imara Reis na seção Máscara, na pág. 20).

Por que ir: Escrita depois do livro de mesmo nome que venceu o National Book Award de 2005, a peça foi apresentada em diversos países. Mescla a objetividade do jornalismo com a elaboração literária.

Preste atenção: Em como a autora encara a morte como uma mudança da natureza. A cenografia enfatiza essa ideia ao colocar no palco materiais em transformação, que denotam a passagem do tempo.

Onde: Teatro Sérgio Cardoso – Sala Paschoal Carlos Magno (rua Rui Barbosa, 153, Bela Vista, São Paulo, SP, tel. 0++/11/3288-0136). **Quando:** 6ª, às 21h30; sáb., às 21h; dom., às 19h. De 13/11 a 20/12. R\$ 20.

Veja também: *Raptada pelo Raio*. De Pedro Cesarino. Direção de Cibele Forjaz. Com Cia. Livre. Peça que também reflete sobre vida e morte e recebeu três indicações ao último Prêmio Shell: melhor texto, luz e cenografia. Na Casa Livre, em SP (tel. 0++/11/3257-6652).

Teatro

ESTREIAS

ALGUÉM PARA CHAMAR DE SEU, de Suzana Pires, Carlos Fariello. Márcio Macena. Vitor Neto, Pablo Diego, Gui Paiva e Paulo Coronato. **Comédia**. Filha da atriz Marília Pêra e do escritor Nelson Motta, Esperança Pêra Motta protagoniza esta compilação de seis textos escritos por atores. Em comum, todos abordam o sexo. Com Gui Paiva e Murilo Cunha. Direção de Márcio Macena (50min). 18 anos. **Espaço dos Satyros Um** (75 lugares). Praça Franklin Roosevelt, 214, Consolação, ☎ 3258-6345. ☑ **República**. Terça, 21h. R\$ 20,00. Até 15 de dezembro. Estreia prometida para terça (6).

O ANO DO PENSAMENTO MÁGICO, de Joan Didion. Aos 35 anos de carreira, a atriz Imara Reis enfrenta seu primeiro **monólogo dramático**. Trata-se da adaptação, feita pela própria autora, do livro homônimo publicado em 2005 logo após a morte de seu marido, o escritor John Gregory Dunne. Em cena estão detalhes de um cotidiano que ganha a necessidade de superação depois de uma perda. Direção de Caio de Andrade (60min). 14 anos. **Teatro Bibi Ferreira** (312 lugares). Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 931, Bela Vista, ☎ 3105-3129. Sexta e sábado, 21h30; domingo, 19h. R\$ 40,00 (sex. e dom.); R\$ 60,00 (sáb.). **Bilheteria**: 14h30/21h30 (ter. a qui.); a partir das 14h (sex. a dom.). Até 1º de novembro. Estreia prometida para sexta (9).

AS BORBOLETAS DA ALMA, de Júlio Caézar Ribeiro. Dividida em sete cenas, a **comédia dramática** foi livremente inspirada em crônicas da escritora Lya Luft. Maturidade, loucura e morte são temas da montagem, que reflete sobre valores da sociedade. Com Hélio Souto Jr., Diego Chilio, Rafael Aragão e outros. Direção do autor (90min). 12 anos. **Teatro Coletivo Fábrica — Sala 1** (134 lugares). Rua da Consolação, 1623, Consolação, ☎ 3255-5922. Sexta, 22h30. R\$ 30,00. A bilheteria abre uma hora antes. Estac. no nº 1611 (R\$ 8,00). Até 27 de novembro. Estreia prometida para sexta (9).

CORRA COMO UM COELHO, criação coletiva. **Drama**. A Cia. dos Outros partiu de contos de Dorothy Parker, romances de Lewis Carroll, filmes de David Lynch e músicas da década de 70 para criar a montagem. Em meio a essas referências surge a trama ambientada em um casarão habitado por personagens que beiram o absurdo. Com Carolina Bianchi, Pedro Cameron e Tomás Decina. Direção de Fernanda Camargo (60min). 14 anos. **Sesc Avenida Paulista — Espaço Quarto Andar** (40 lugares). Avenida Paulista, 119, ☎ 3179-3700, ☑ **Brigadeiro**. ☎ Quarta e quinta, 20h. R\$ 8,00. **Bilheteria**: 9h/22h (ter. e sex.); 10h/21h (sáb. e dom.). Ingressos também no CineSesc e nas demais unidades do Sesc. Até dia 29. Estreia prometida para quarta (7).

O CORTIÇO, adaptação de Gérry Rodrian para romance de Aluísio de Azevedo. O **drama** leva ao palco o clássico do naturalismo brasileiro publicado em 1890. A partir das relações pessoais e de poder, a montagem enfoca o cotidiano de um conjunto habitacional do século XIX em contraponto às favelas de hoje. Com os atores da Cia. D'Rock. Direção de David Rock (80min). 14 anos. **Teatro Coletivo Fábrica — Sala 1** (134 lugares). Rua da Consolação, 1623, Consolação, ☎ 3255-5922. Quinta, 21h. R\$ 30,00. A bilheteria abre uma hora antes. Estac. no nº 1611 (R\$ 8,00). Até 3 de dezembro. Estreia prometida para quinta (8).

A MÚSICA SEGUNDA, de Marguerite Duras (1914-1996). **Drama**. Em 1995, três décadas depois de escrever *La Musica* — coincidentemente também em cartaz na cidade —, a escritora francesa lançou uma segunda versão da história. Na montagem dirigida por José Possi Neto, Helena Rinaldi e Leonardo Medeiros interpretam o casal que se reencontra depois de três anos da separação e precisa driblar a paixão ainda latente (80min). 14 anos. **Teatro Vivo** (278 lugares). Avenida Doutor Chucris Zaidan, 860, Brooklin, ☎ 7420-1520. ☎ Sexta, 21h30; sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 40,00 (sex. e dom.); R\$ 50,00 (sáb.). **Bilheteria**: 14h/20h (ter. a qui.); a partir das 14h (sex. a dom.). **Televentas**, ☎ 4003-1212. Cc: todos (por telefone). Estac. c/manobr. (R\$ 15,00). Até 13 de dezembro. Estreia prometida para sexta (9).

NAMODA, de Frigo amazigo prédi e comida de pessoa lezani, Or (70min). (lugares). (lação. ☎ ta, 22h. R. para terça

A PAI Dias Cés; Néia Barf escritor ir. do e seu é com quem os atores (70min). (lugares). (Fund. ☎ A casa ab serve antu c/manobr. treia prom

ma. Em 2 revelado g No sertão peso do g Com dom çã

Imara Reis em O Ano do Pensamento Mágico: adaptação de best-seller americano no Teatro Bibi Ferreira



JEFFERSON MARTINS

Teatro Estreias:

O pesar pela morte, tratado com honestidade

Em *O Ano do Pensamento Mágico*, a dor da perda é vivida com seriedade

Ubiratan Brasil

Quem sofre uma perda recente fica com um certo olhar que talvez seja somente reconhecível pelos que já viram aquele mesmo olhar no próprio rosto - foi assim que a escritora americana Joan Didion justificou sua dor com a perda do marido, em 2003. Publicado como *O Ano do Pensamento Mágico* (Nova Fronteira), o relato tornou-se um sucesso mundial, a ponto de a autora adaptá-lo como um monólogo para o teatro. Só acrescentou outra tragédia que marcou sua vida, a morte da filha. "Quando li, senti idêntica emoção pois também perdi entes queridos", conta Caio de Andrade, que dirige e faz a dramaturgia de uma versão que estreia amanhã, no Teatro Bibi Ferreira.

Em cena, a atriz Imara Reis. Não bastasse seu perfeito entendimento do texto, especialmente sua força reconfortante, ela também lamenta a morte de parentes. O sentimento, portanto, tornou-se comum. "O grande mérito de Didion está em iluminar uma situação que normalmente as pessoas querem deixar na sombra", comenta Imara, participando de seu primeiro monólogo em 35 anos de carreira.

De fato, o tom confessional da autora não vem carregado de religiosidade ou mesmo desesperança diante da perda - sem autopiedade, ela revela como enfrentar as adversidades sob um aparente controle. "A morte é tratada por Didion de uma maneira especial, como

JEFFERSON MARTINS/DIVULGAÇÃO



IMARA - Seu primeiro monólogo

um fato inerente à vida", conta Andrade. "Assim, o luto tem de ser enfrentado não como um fracasso. É por esse caminho que se encontra o conforto psicológico que vem em seguida."

Ao adaptar o texto, ele cortou apenas algumas referências desnecessárias de Nova York. Também convidou a artista plástica Célia Alves para cuidar da cenografia. Ela optou por um ambiente público, local preferido pelas pessoas em busca de reflexão. "O clima é de seriedade, mas não de melancolia e depressão", diz o diretor. "É uma lição que prepara as pessoas para um momento inevitável", completa Imara. ●

Serviço

● **O Ano do Pensamento Mágico**. 60 min. 14 anos. **Teatro Bibi Ferreira** (400 lug.). Avenida Brig. Luís Antônio, 931, 3105-3129. 6.ª e sáb., 21h30; dom., 19 h. R\$ 40. *Estreia amanhã*

PORTO ALEGRE EM CENA

Acontece com todos nós

Helio Barcellos Jr.

O ano do pensamento mágico aborda a morte de forma natural. Encara de frente um fato óbvio, mas varrido para debaixo do tapete: ela acontece com todas as pessoas. O solo é uma adaptação do livro de mesmo nome escrito pela roteirista norte-americana Joan Didion. Ele traz a atriz Imara Reis de volta a Porto Alegre, ela que é conhecida pelos mais de 20 longas em que atuou, como *Filme demência* e *Sonho sem fim*. O monólogo será apresentado no Teatro do Sesc (Alberto Bins, 665), dentro do 17º Porto Alegre em Cena, de hoje a quinta-feira, às 20h.

Imara acredita que conseguiu evitar a sensação de solidão com seu primeiro monólogo: “Me sinto muito estranha na hora dos aplausos, pois durante a peça enxergo todos os personagens, eu contracenando com todos eles”, comenta. No texto, que já foi encenado em mais de 20 países, ela interpreta a própria Joan, uma mulher que subitamente perdeu o marido - que foi seu colega de profissão em Hollywood - e logo depois sua filha.

Imara, que já conhecia o livro, conta que só seu deus conta da “encenação” em que se meteu uns 15 dias depois de começados os ensaios. Explica que se sentiu intimidada com a objetividade quase jornalística da personagem. O texto não é



Imara Reis fala sobre a morte no Teatro do Sesc a partir de hoje

um melodrama: “Notei que o ator não poderia se envolver com uma emoção que é do espectador ou do leitor”. Além disso, o corte cinematográfico é intenso, as falas transitam da melancolia para a ternura em questão de segundos.

Outro aspecto impactante é a aproximação da temática com a vida. No período dos ensaios, Imara se viu diante de uma experiência de hospital, que terminou com a morte de seu pai, mas teve um novo ato quando ela quebrou o pé no começo do ano. “Tentamos fugir para uma área de conforto, de quando era bom, mas não podemos escapar disso, porque a pessoa depende de você”, analisa. “Ninguém se

prepara para isso, muito menos para enfrentar a frieza e a violência da medicina; é doloroso, é cruel”, acrescenta.

Apesar do “grau de periculosidade gigantesco” da peça, o diretor Caio de Andrade se sentiu atraído pela maneira com que a personagem sentiu conforto. “Joan se lembrou do avô geólogo, que lhe dava livros para ler quando menina, obras que falavam de montanhas que nascem, de mares que desaparecem, de um mundo em constante mudança, mas que nem por isso acaba”, comenta ele, que, no entanto, não faria a peça se não pudesse contar com uma atriz tão tarimbada quanto Imara Reis.